

## Marx não era um empirista

James Farr\*

Marx nunca escreveu um tratado substancial sobre o método científico; nenhuma *Lógica da Descoberta Científica*, nenhuma *Metodologia das Ciências Sociais*, nem sequer *Regras do Método Sociológico*. Ele escreveu apenas dois textos parcialmente relacionados ao assunto, nenhum dos quais ele retocou ou publicou. Um deles era uma introdução incompleta e prematura aos seus estudos econômicos, escrito em 1857; o outro, um conjunto muito grosseiro de notas sobre Adolph Wagner escrito entre 1879 e 1880, poucos anos antes de sua morte.<sup>1</sup> Quando esses textos gêmeos se exaurem, os intérpretes da visão de Marx sobre o método científico devem montar um quebra-cabeças com parágrafos, frases, notas, até mesmo as reclamações em cartas sobre “a tagarelice a respeito da ‘ciência’”.<sup>2</sup>

A falha de Marx em escrever algo direto ou extenso sobre o método científico provou-se uma infeliz omissão, dada a importância ligada ao próprio método de Marx. György Lukács, por exemplo, declara que a “ortodoxia” marxista “se refere exclusivamente ao método”.<sup>3</sup> Nunca a ortodoxia foi tão elusiva, tão aberta à debate, tão incerta a respeito dos seus artigos de fé. No que parece ser uma disputa eterna, Marx tem sido saudado ou condenado como materialista dialético, positivista, pragmático, realista, humanista, estruturalista, funcionalista, teórico crítico.

Esse coro de disputas recebeu, recentemente, um novo integrante, Richard Hudelson, que publicou nessa mesma revista.<sup>4</sup> O que ele afirma, que não é novidade, é que Marx era um empirista.<sup>5</sup> Hudelson argumenta em duas frentes: 1) contra a visão “largamente defendida” do contrário, de que Marx era, na verdade, comprometido com ao menos cinco princípios da filosofia da ciência empirista contemporânea; e 2) contra Althusser, para quem, Marx, tanto o jovem, quanto o maduro, foi “consistentemente empirista”. (p. 241)<sup>6</sup> Neste breve ensaio, pretendo argumentar contra a primeira afirmação de Hudelson. Enquanto, como conclusão, eu sugiro que Marx é melhor compreendido ou como um realista ou como um teórico crítico, minha primeira tarefa é negativa – ordenar algumas evidências textuais contra uma interpretação empirista das intenções de Marx. Contra a segunda afirmação de Hudelson, não tenho objeções, exceto no que recapitula a primeira. Eu duvido da tese

---

\* Artigo publicado na revista *Philosophy of Social Sciences*, n. 13, em 1983, p. 465-472.

<sup>1</sup> *Karl Marx: Texts on Method*, org. Terrel Carver, Nova York, 1975. Sobre a prematuridade da introdução aos *Grundrisse*, ver os comentários de Marx no prefácio à *Crítica da Economia Política*, Nova York, 1970, p. 19.

<sup>2</sup> *Selected Correspondence*, Moscou, 1975, p. 146.

<sup>3</sup> György Lukács, *History and Class Consciousness*, Cambridge, Mass. 1971, p. 1.

<sup>4</sup> Richard Hudelson, “Marx’s Empiricism”, *Philosophy of the Social Sciences*, 12, 1982, pp. 241-53, todas as referências a esse ensaio aparecem aqui paginadas entre parênteses.

<sup>5</sup> Outros que interpretaram Marx como um empirista ou positivista foram: H. B. Acton, *The Illusions of the Epoch*, Londres, 1955, p. 109; Sheldon Wolin, *Politics and Vision*, Boston, 1960, p. 358; Z. A. Jordan, *The Evolution of Dialectical Materialism*, Nova York, 1967, p. 120ff; Albrecht Wellmer, *Critical Theory of Society*, Nova York, 1971, cap. 2; David McLellan, *Karl Marx*, Nova York, 1975, p. 38 e John McMurtry, *The Structure of Marx’s World View*, Princeton, 1978, p. 53. A maioria desses autores qualificam sua interpretação de uma ou outra forma.

<sup>6</sup> É importante mencionar que Hudelson quase abandona esse argumento na página 244, quando ele reconhecer que em 1845, Marx muda significativamente sua visão sobre a teleologia e a crítica moral. Althusser data a “ruptura epistemológica” no pensamento de Marx precisamente nessa ocasião.

althusseriana de uma “ruptura” no pensamento de Marx sobre o método científico.<sup>7</sup> Mas, ao contrário de Hudelson e Althusser, advogarei por um Marx consistentemente não-empirista.

## I

A defesa de Hudelson de um Marx empirista se assenta sobre cinco princípios que ele afirma encontrar em Marx.

- 1) A tarefa da ciência é formular leis causais a partir das quais, dadas as suposições factuais adequadas, as explicações sobre fenômenos em particular podem ser derivadas dedutivamente.
- 2) Tais leis devem ser direta ou indiretamente testáveis por observação sensorial.
- 3) Explicações teleológicas não tem lugar na ciência.
- 4) A ciência não faz afirmações normativas.
- 5) Não há conhecimento filosófico distinto do tipo de ciência descrito acima.

Como dito, infelizmente, esses cinco princípios falham em esclarecer várias questões importantes. Quanto à filosofia da ciência contemporânea, eles não distinguem adequadamente o realismo do empirismo. Quanto à filosofia da ciência de Marx, o primeiro, segundo, terceiro e quinto princípios só se encaixam superficialmente. Mas, quando os conceitos de “lei”, “causalidade”, “observação” e “teleologia” são posteriormente esclarecidos, pouco ou nada resta do suposto empirismo de Marx. E o quarto princípio parece uma interpretação nada natural de um teórico comunista que afirmava que seu método era “crítico e revolucionário”.<sup>8</sup> Antes de desenvolver cada um desses princípios, vamos por a questão em uma perspectiva histórica.

Esse breve catálogo, Hudelson nos lembra, se encaixa à filosofia da ciência *contemporânea*, mas, curiosamente, não à filosofia empirista da época de Marx. O empirismo tradicional do século XIX era “definido como uma tese sobre a origem das ideias ou uma tese sobre a experiência sensível e o fundamento epistêmico do conhecimento” (p. 241). O empirismo tradicional defendia, também, que o conhecimento científico se assentava sobre o fundamento delicado, mas sólido, da observação sensorial e da acumulação de fatos. A ideia de que fatos são interpretações à luz de teorias, ou de que teorias se referem a entidades reais, mas não-observáveis, especialmente se entendidas como essências, era um anátema para o empirismo. Marx considerava esse tipo de empirismo “abstrato”, em grande parte por tratar a história como uma “coleção de fatos mortos”. Ele também aconselhava “extravios e andanças por todos os países, uso massivo e acrítico de estatística, uma erudição de catálogo”.<sup>9</sup> Naturalmente, o rejeitava.

Hudelson parece ter duas opiniões sobre a aceitação ou rejeição de Marx ao empirismo do século XIX. Por um lado, ele reconhecer que “a discussão sobre o método científico de Marx marca uma ruptura com um certo tipo de empirismo; aquele que, à época, identificava o

---

<sup>7</sup> *For Marx*, Nova York, 1970, pp. 33ff.

<sup>8</sup> *Capital*, Nova York, 1967, p. 20.

<sup>9</sup> *German Ideology*, Nova York, 1970, p. 48; *Grundrisse*, Nova York, 1973, p. 888; ver, também, a *Terceira Tese Sobre Feuerbach*, na qualidade defeituosa do antigo materialismo ou do empirismo.

empirismo com a acumulação de dados factuais” (p. 251). Marx não era, segundo Hudelson, um empirista “rude” (p. 250). Mas, por outro lado, Hudelson afirma (mas implora discutindo, por enquanto) que Marx não defendia a tese da origem, nem, talvez, a tese fundacional. Em uma nota de rodapé, ele alude a duas evidências. A primeira retirada de *A Sagrada Família*, é a “aprovação” de Marx (diz Hudelson, p. 246) da concepção de ciência indutiva e baseada nos sentidos, de Bacon. Mas, em sua maravilhosa e sucinta história do materialismo, desde de Duns Scotus até os comunistas franceses, Marx não “aprova” o método de Bacon mais do que ele aprova o de Hobbes. Nas mãos de Hobbes, o materialismo de Bacon “leva à misantropia” e a “sistematiza”. E Bacon tem alguma responsabilidade nessa transformação, pois seu materialismo era “ingênuo”, em primeiro lugar e sua “doutrina formulada de forma aforística, era permeada de inconsistências importadas da teologia”.<sup>10</sup> A segunda evidência é o comentário de Marx nos *Grundrisse* de que o concreto é “o ponto de partida para a observação e a concepção”.<sup>11</sup> Mas, mesmo deixando a concepção de lado, o comentário de Marx sobre a observação é trivialmente estreito e, como tal, não o compromete com qualquer epistemologia científica. Afinal, Kant inicia sua *Crítica da Razão Pura* dizendo que “não resta dúvida de que todo conhecimento começa com a experiência”. Mas ninguém afirma seriamente que Kant era um empirista.

As filosofias ostensivamente científicas de Auguste Comte e John Stuart Mill, diz Hudelson, “contrastam” nitidamente com o empirismo anterior (p. 251n). É verdade; mas seria um *non sequitur* [N.T.: inferência ou conclusão que não é consequência lógica das premissas.] concluir que Marx partilhava de alguma (muito menos de todas) as premissas de Comte ou Mill. E, de fato, não compartilhava. Hudelson falha em apontar as fulminações de Marx contra aqueles que foram os pais da filosofia da ciência empirista. Entre outras coisas, Marx achava a análise das leis sociais e econômicas de Mill com base no modelo da física “totalmente absurda”, até mesmo insidiosa, pois “as relações burguesas são silenciosamente contrabandeadas como leis naturais invioláveis. Esse é o propósito mais ou menos consciente de todo esse procedimento”.<sup>12</sup> Por Comte, Marx reservava um desprezo especial. Ele confessou que “como partidário, tenho uma atitude completamente hostil pelo comtismo. Já como estudioso, tenho uma opinião muito ruim a seu respeito”.<sup>13</sup> Marx achava o esforço enciclopédico de Comte “miserável”, e o condenava como “aquele positivismo de merda” [*dieser Scheisspositivismus*].<sup>14</sup>

A defesa de um Marx empirista, então, depende inteiramente de “um sentido mais moderno de empirismo” (p. 250). Uma forma bastante estranha de historiografia, no mínimo. A própria ideia de uma tradição filosófica é trocada por arquivamento a-histórico. É estranho, para não dizer anacrônico, se distanciar tanto das próprias concepções e preocupações de Marx. No ensaio de Hudelson, entendemos muito pouco da atitude crítica de Marx em relação a Comte ou Mill, ou à metodologia dos economistas políticos burgueses, ou às metodologias abraçadas ou praticadas por figuras como Proudhon, Hume, Dühring, Darwin,

---

<sup>10</sup> *Holy Family*, Moscou, 1975, p. 151.

<sup>11</sup> *Grundrisse*, p. 101. O resto do trecho desmente uma leitura empirista.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 832, 87.

<sup>13</sup> *Selected Correspondence*, p. 250.

<sup>14</sup> *Marx: Engels Werke*, Berlim, 1965, vol. 31, p. 234.

Lange, Roscher ou a escola história do direito. Hudelson também se distancia dos termos das discussões reconhecidamente esporádicas e enredadas de Marx sobre metodologia. Lemos muito pouco sobre análise e síntese, essências e aparências, forças e relações, ou a dialética (ao contrário da crítica de Marx à dialética hegeliana, sobre a qual Hudelson fala mais). Ao contexto e linguagem das reflexões metodológicas do próprio Marx é concedida muito pouca preciosa atenção, para quem está sendo empurrado de forma apressada e sem cerimônia, no balaio do empirismo do século XX.

Mais estranho ainda, então, é a súbita boa vontade de Hudelson em ser histórico quando convém à sua tese. Por exemplo, contra a interpretação de que Marx era um teórico crítico, como sugerido por John O'Neill e Jürgen Habermas, Hudelson nos pede que consideremos isso como decisivo: “As críticas da teoria crítica de seu tempo [...] apresentam, acredito, dificuldades intransponíveis a qualquer interpretação crítica de Marx” (p. 248). O porquê da crítica de Marx aos “críticos críticos” de seus dias apresentar dificuldades intransponíveis a *qualquer* interpretação crítica dele, enquanto sua crítica aos empiristas de seus dias *não* apresentar dificuldades intransponíveis a uma interpretação empirista dele, é uma afirmação que Hudelson não esclarece, nem defende.

Mas, deixemos de lado, pelo bem do argumento, essas considerações sobre historiografia e compreensão contextual que, em outro contexto, seriam muito importantes, e tomar como verdade a afirmação de que Marx foi um empirista por ele subscrever a cada um dos cinco princípios da filosofia da ciência empirista contemporânea.

## II

### 1) *Leis.*

Marx era partidário da opinião filosófica do século XIX – compartilhada por todos exceto por alguns poucos neokantianos renegados – de que a ciência consiste da descoberta e desenvolvimento explanatório de leis. Marx e os empiristas concordam que, na economia política, como na física, leis são generalizações de escopo considerável e a partir das quais, dados certos pressupostos factuais, a explicação de eventos em particular pode ser deduzida. Mas a concordância não passa daí. Os empiristas, naquele tempo, como hoje, defendiam que leis devem ser universais e a-históricas; e que leis afirmam as conjunções constantes entre eventos repetidamente observados.

Marx não acreditava em nenhuma dessas afirmações, e sua rejeição da primeira era ainda mais explícita. Repetidas vezes, Marx afirmou que leis (do que ele chamava de “ciências histórico-sociais”) eram “leis históricas”, ou seja, “leis válidas apenas a um desenvolvimento histórico particular”.<sup>15</sup> Isso seria verdade até para as leis sociais mais naturalistas, a saber, leis demográficas populacionais; “cada modo de produção específico tem suas próprias leis populacionais, válidas historicamente apenas dentro dos seus limites”.<sup>16</sup> Os empiristas do século XIX falharam em considerar essa característica

---

<sup>15</sup> *Grundrisse*, p. 106, 606; *Selected Correspondence*, p. 34.

<sup>16</sup> *Capital*, p. 632.

cardinal das ciências sociais, Marx pensava, pela sua fixação metodológica nas ciências naturais, e pela sua subserviência política ao status quo.<sup>17</sup> Um contrafactual futuro socialista estava além da imaginação dos economistas políticos empiristas.

Marx também rejeitava a visão empirista de causalidade enquanto conjunção constante. Tal visão seria um produto inexorável de um compromisso da epistemologia com a aparência, mas “toda ciência seria supérflua se a aparência e a essência das coisas coincidissem diretamente”.<sup>18</sup> Na prática, a intenção empirista foi desastrosa, pela sua obsessão com os “fenômenos observáveis”. Por exemplo, a lei dos preços dependentes da circulação do dinheiro, proferida pelo *arqueoe empirista* Hume, “se aferra [...] às aparências”.<sup>19</sup> Para a economia política marxista, por outro lado, uma explicação causal relevante cita as forças essenciais dos agentes conforme exercidas em relações sociais e materiais. A herança relevante, aqui, é de Aristóteles, não de Hume; uma herança realista, não empirista.

## 2) *Observação.*

Marx pensava que outra característica definidora da ciência seria a “observação de todos os lados, que só pode proceder de muitas cabeças”.<sup>20</sup> A observação intersubjetivamente regulada, portanto, direta ou indiretamente, testa as leis das teorias científicas. Isto é, de fato, uma tese do empirismo contemporâneo, embora o empirismo “rude” dos dias de Marx fosse impedido de conceber a observação de forma intersubjetiva por causa de sua preocupação com o pensador solitário ou portador de impressões sensíveis. Mas, até aqui, o acordo esconde um desacordo mais importante. Porque Marx negava outra tese sobre a observação, abraçada pela filosofia empirista, com certeza na época e, às vezes, ainda hoje: a tese de que observações podem ser teoricamente neutras. Nos *Manuscritos de 1844*, Marx defendia uma visão contrária, dizendo que “os sentidos se tornaram diretamente em sua prática teóricos”.<sup>21</sup> Infelizmente, Marx nunca desenvolveu essa defesa, nem nos *Manuscritos*, nem em outras obras, embora a distinção entre aparência e essência, tão central à sua concepção de método científico n’*O Capital*, possa ser lida como uma contribuição à noção de observação orientada por uma teoria.<sup>22</sup> Em todo caso, a visão de Marx sobre os sentidos como teóricos é tributária da filosófica crítica alemã, em particular de Kant e Hegel. Aqui, de novo, a bela simetria entre Marx e a filosofia da ciência empirista contemporânea, se prova, como a própria beleza, ser superficial.

## 3) *Teleologia*

---

<sup>17</sup> Ver, p. ex., *Capital*, pp. 373n., 620, 622; *Grundrisse*, pp. 87, 460; *Theories of Surplus Value*, Moscou, 1971, vol. 3, p. 429.

<sup>18</sup> *Capital*, vol. 3, p. 918.

<sup>19</sup> *Critique of Political Economy*, p. 160.

<sup>20</sup> *Grundrisse*, p. 608.

<sup>21</sup> *Economic and Philosophical Manuscripts*, Nova York, 1964, p. 139.

<sup>22</sup> Como lido, por exemplo, por Russell Keat e John Urry, *Social Theory as Science*, Londres, 1975, p. 179. Ver, também, a crítica de Marx a Adam Smith, por apresentar como “fatos mortos” o que são na verdade resultados postulados de uma pesquisa teórica. *Critique of Political Economy*, p. 167.

Mais profunda, com certeza, é a afirmação de que Marx não era teleológico. Hudelson corretamente observa que Marx rejeitava uma teoria teleológica da história, tão bem quanto de qualquer um de seus episódios, como o capitalismo, quando isso significava existir “algum *telos* implícito ao próprio capitalismo, independente dos esforços dos capitalistas individuais de crescer e sobreviver num mundo competitivo” (pp. 244-45). Marx era anti-teleológico nesse sentido, talvez desde sempre, e certamente em 1845, quando sua própria linguagem mudou, de falar sobre “o Homem”, para “os homens”. O “golpe fatal” de Darwin “contra a ‘teleologia’ nas ciências naturais”, complementou a historiografia de Marx nesse sentido, apesar do quão “divertido” o método de Darwin lhe parecesse, mais tarde.<sup>23</sup>

No entanto, com todo respeito a Hudelson, duas coisas não procedem da rejeição de Marx a uma teleologia supra-histórica que postula agências acima da ação humana. Em primeiro lugar, Marx nunca abandonou inteiramente uma filosofia da natureza humana.<sup>24</sup> Não apenas ele ocasionalmente se vale dessa filosofia nas suas explicações, como também seria muito difícil para nós entender a sua objeção moral ao capitalismo (seja ela implicada pela ciência, ou não), se o capitalismo não frustrasse, de alguma forma, os fins humanos. Em segundo lugar, Marx pode ser lido como teleológico em um sentido mais fraco, em que suas explicações (ao menos algumas delas) sobre a ação humana, devem se referir aos fins ou propósitos que identificam e motivam a ação.<sup>25</sup> A fábula (anti-mandevilliana) de Marx sobre as abelhas versus os arquitetos imaginativos pode ser lida nessa conexão como uma tese sobre modos de explicação puramente naturalistas versus teleológicos.<sup>26</sup> O empirismo contemporânea com certeza compartilha da hostilidade de Marx às concepções supra-históricas de teleologia. Mas, se Hudelson está certo, também é hostil a qualquer filosofia da natureza humana que postule fins humanos, e hostil, também, a explicações teleológicas sobre a ação humana intencional. Nesses sentidos de “teleologia”, então, Marx, mais uma vez, não é um empirista.

#### 4) Afirmações normativas

O princípio empirista de que “a ciência não faz afirmações normativas” sempre foi escorregadio. Às vezes, ele é interpretado como uma afirmação sobre o vocabulário científico desprovido de termos normativos; outras vezes, como uma afirmação sobre a neutralidade política da ciência como um todo. Mas, como quer que seja interpretada, Marx viola, repetidas vezes, esse princípio, seja na prática, ou no discurso. Em 1844, seu

---

<sup>23</sup> *Selected Correspondence*, pp. 115, 120. Ver, também, p. 225. Para uma discussão instrutiva sobre a relação entre os métodos de Marx e Darwin, ver Terrence Ball, “Marx and Darwin: A Reconsideration”, *Political Theory*, 7, 1979.

<sup>24</sup> Ver, p. ex., *Capital*, p. 609n. Ver a discussão de G. A. Cohen sobre esse assunto em *Karl Marx's Theory of History: A Defence*, Princeton, 1979, pp. 150ff.

<sup>25</sup> Essa interpretação, concedo, se encaixa melhor na visão de teleologia de von Wright, que ele atribui a Marx, em *Explanation and Understanding*, Ithaca, 1971. Digo que “ao menos algumas” das explicações de Marx sobre a ação humana são teleológicas para poder descartar explicações sobre consequências não intencionais e sobre ações que procedem de uma falsa consciência. Uma vez que Marx deseja que esses aspectos da vida social sejam transformados, sua visão de ciência pode ser lida fecundamente como uma tentativa de esclarecer e retificar a consciência e a ação, para que explicações não-teleológicas não sejam mais necessárias. Ver, p. ex., *Capital*, pp. 79-80, 640. Ver, também, o apêndice de Cohen ao seu livro *Karl Marx's Theory of History*.

<sup>26</sup> *Capital*, p. 178.

vocabulário era preenchido de adjetivos como “alienado”, “estranhado”, “plenamente humano”; e, mais tarde, complementado por adjetivos como “antagônico”, “exploratório”, “apologético”. Em 1847, ele proclamava sua crítica da economia política enquanto uma ciência “revolucionária”, não num sentido kuhniano, mas no sentido animado pela sua professa “esperança de obter uma vitória para o nosso partido no campo da ciência”.<sup>27</sup> E quando, em 1867, ele condenou os economistas políticos burgueses por serem “representantes ideológicos” da classe capitalista, ele de forma alguma acreditava que seu próprio método “crítico e revolucionário” era menos ideológico nesse sentido, como se ele estivesse superando a ostentada não-valorização empirista e não representando a classe proletária.<sup>28</sup>

Marx podia até estar errado a respeito de tudo isso e, de todo seu pensamento, a sua filosofia moral é o que há de mais obscuro. Mas essa regularidade de expressões desse tipo, citadas acima, certamente, apontam contra uma interpretação empirista de suas intenções científicas, e eu acho difícil pensar em um filósofo da ciência empirista que viesse ao resgate de Marx, aqui.

#### 5) Conhecimento filosófico

Na *Ideologia Alemã*, enquanto rompia seus laços com a esquerda hegeliana, Marx caracterizou a filosofia como uma “soma dos resultados mais gerais” da ciência histórica.<sup>29</sup> Embora isso sugira que a filosofia é parasitária da ciência, ao menos se diferencia da concepção subempregada de filosofia oferecida pelo empirismo de Locke. E o próprio Hudelson observa que ela “se diferencia da visão de filosofia enquanto uma atividade de segunda ordem, observada no positivismo do século XX” (p. 247). Suspeito que Hudelson se recusa a levar a sério as suas próprias implicações por causa do *tipo* de ênfase que ele põe na crítica de Marx a Hegel. Aqui não é a ocasião para entrar mais uma vez na muito difícil e espinhosa questão da relação entre Marx e Hegel, ou do estatuto científico da dialética. Talvez devamos apenas nos lembrar da passagem d’*O Capital* em que Marx professa mostrar “a correção da lei descoberta por Hegel (na sua *Lógica*), de que diferenças meramente quantitativas, a partir de um certo ponto, passam a ser mudanças qualitativas”.<sup>30</sup> O que quer que essa lei seja, certamente não é parte das “ciências empíricas do Entendimento” (p. 242). No máximo, é parte do plano de fundo metafísico que torna a ciência possível. Isso não mostra que Marx achava que a metafísica era a senhora das ciências, nem que ele era (ironicamente) mais hegeliano na maturidade, do que foi na juventude. Mas, também, não dá sustentação à tese de um Marx empirista, particularmente à luz da desatenção de Marx à questão dos tipos de conhecimento, ou da relação entre ciência e filosofia. Colletti captura as dificuldades de qualquer interpretação nesse sentido, quando aponta a “indiferença que ele [Marx] sempre demonstrou pelos problemas epistemológicos como tais”.<sup>31</sup> Mas não ajuda, para acabar

---

<sup>27</sup> *Poverty of Philosophy*, Nova York, 1963, p. 126; *Selected Correspondence*, p. 106.

<sup>28</sup> *Capital*, pp. 20, 573.

<sup>29</sup> *German Ideology*, p. 48.

<sup>30</sup> *Capital*, p. 309.

<sup>31</sup> Lucien Colletti, *Marxism and Hegel*, Londres, 1973, p. 114.

com essa indiferença ou com o sentido do método de Marx, identificar sua visão com a dos filósofos da ciência empiristas contemporâneos.

#### 6) *Unidade da ciência*

Finalmente, em nenhum outro aspecto, Marx poderia ser corretamente considerado um empirista. Em outra ocasião, argumentei contra a interpretação de Marx como um positivista ou um empirista, com bases na sua tese sobre a unidade da ciência.<sup>32</sup> A tese de Marx é uma tese ontológica, a respeito da unidade em potencial entre o homem e a natureza, vislumbrada na sociedade comunista – não uma tese metodológica, que reduz a linguagem, as leis, ou os métodos das ciências sociais às das ciências naturais. Mas, em 1845, Marx abandonou essa tese não-empírica, e nunca mais a retomou. Como uma corrente, ela foi estilhaçada.

### III

Marx, não apenas era interessado nos aspectos filosóficos da ciência empírica. Ele era um cientista empírico, também. Mas ser empírico não é o mesmo que ser empirista. Como, então, Marx concebeu seu método? Sugiro que o realismo científico e a teoria crítica são linhas mais promissoras de interpretação do método de Marx. Nenhuma dessas interpretações está livre de problemas, e cada uma delas pode ser formulada à sua maneira.<sup>33</sup> E, como qualquer interpretação, inclusive a de um Marx empirista, cada uma dá de cara com a barreira do silêncio de Marx a respeito do método científico.

Uma interpretação realista certamente se valeria e enfatizaria duas características do método de Marx. A primeira é um modelo implícito de explicação causal, sugerido acima, que cita as potências essenciais dos agentes atuando em relações sociais ou materiais. Isso certamente encaixa explicações nas ciências histórico-sociais, e talvez até na química, uma das apaixonadas ocupações de Marx. A segunda característica é a afirmação de Marx de que há uma convergência no conhecimento científico – um “realismo histórico”, se preferir.<sup>34</sup> Marx pensava que a ciência é progressiva, não pela acumulação de fatos, mas pelas teorias posteriores darem descrições mais verdadeiras e mais gerais sobre seus objetos. Mesmo a lúgubre ciência da economia política progredia, à sua maneira, e por causa do seu realismo, Marx era muito mais generoso que seus contemporâneos empiristas em reconhecer as contribuições das teorias monetarista e mercantilista no desenvolvimento do pensamento econômico.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> Ver o meu artigo “Marx and Positivism”, In. Terence Ball e James Farr (orgs.), *After Marx*, Cambridge, 1984, a ser publicado em breve [N.T.: Este artigo foi escrito em 1983, alguns meses antes do lançamento do livro acima citado].

<sup>33</sup> Sobre a teoria crítica, compare John O’Neill, *Sociology as a Skin Trade*, Londres, 1972; com Jürgen Habermas, *Theory and Practice*, Boston, 1973. Sobre os diferentes tipos de interpretação realistas do método de Marx, ver, entre outras, Keat e Urry, *Social Theory as Science*; David Hillel-Ruben, *Marxism and Materialism*, Hassocks, 1977; Derek Sayer, *Marx’s Method*, Atlantic Highlands, 1979; e vários ensaios In. John Mepham e David Hillel-Ruben (orgs.), *Issues in Marxist Philosophy*, Atlantic Highlands, 1979.

<sup>34</sup> Empresto a noção do posfácio de Frederick Suppe ao livro *The Structure of Scientific Theories*, Urbana, 1977.

<sup>35</sup> *Critique of Political Economy*, p. 159.

Quanto à teoria crítica, o que deve ser enfatizado aqui é a profundidade do compromisso de Marx com uma concepção não-cientificista dos potenciais da crítica. Hudelson arranja as críticas de Marx à economia política em dois tipos: 1) críticas factuais; e 2) críticas por falta de perspectiva histórica (p. 247). Mas, para além disso, Marx também acreditava no poder emancipador da crítica para iluminar os próprios objetos – ou melhor, co-sujeitos – da investigação. Processos sociais ocorrem, caracteristicamente, “pelas costas” dos agentes, e leis a respeito desses processos “*aparecem* para eles como leis naturais irresistíveis”.<sup>36</sup> Mas tais leis são, na verdade, “fundadas na necessidade de conhecimento daqueles cuja ação é sujeito a ela”.<sup>37</sup> A tarefa de uma economia política crítica, então, é ajudar a remediar essa “necessidade de conhecimento” e, então, assistir o processo de uma transformação crítica da consciência. Sem tal vantagem do método de Marx, somos forçados a concluir que ele aspirava apenas superar a economia política burguesa no reino da explicação imparcial. Mas devemos levar a sério a afirmação e compromisso de Marx, não apenas de interpretar o mundo, mas de transformá-lo.

Hudelson conclui, em uma nota salutar, e eu gostaria aqui de endossá-la. A filosofia da ciência empirista deveria prestar atenção ao método de Marx. Mas, se eu estiver certo, ela deve fazê-lo, não por Marx ser um empirista, mas, justamente, por não o ser. O diálogo e debate crítico entre métodos opostos é razão o suficiente, pois o diálogo e o debate crítico são o coração tanto da filosofia, quanto da ciência.

---

<sup>36</sup> *Capital*, p. 44; *ibid.* vol. 3, p. 831. Comparar aos *Grundrisse*, pp. 244, 255, 468.

<sup>37</sup> *Capital*, p. 75n.